

AUTORA BESTSELLER DO NEW YORK TIMES

SARAH J. MAAS



CATWOMAN™

ALMAS ROUBADAS

TOP
SEL
LER
#BLISS

*Para as mulheres que se portam mal
e se divertem a fazê-lo*

ANTES



CAPÍTULO 1

A multidão ruidosa na arena improvisada não lhe fez ferver o sangue. Não a abalou, não a enervou, nem a deixou a saltitar de pé para pé. Não, Selina Kyle limitou-se a rodar os ombros — uma, duas vezes.

E esperou.

Os aplausos excitados que atravessaram o corredor enegrecido de acesso à sala de preparação eram pouco mais do que o ribombar longínquo de um trovão. Um temporal, tal como o que varreu East End na sua caminhada desde o complexo de apartamentos. Ficou encharcada antes de chegar à entrada dissimulada do metro que dava para o antro subterrâneo de Carmine Falcone, o mais recente do infindável desfile de chefes da máfia de Gotham City.

Mas, como qualquer outro temporal, também esta luta seria desgastante.

Com a chuva ainda a secar no seu comprido cabelo negro, Selina confirmou se este ainda se encontrava preso no seu apertado coque no alto da cabeça. Certa vez, cometera o erro de usar um rabo-de-cavalo — na sua segunda luta na rua. A outra rapariga conseguira agarrá-lo e, esses poucos segundos em que o pescoço de Selina ficou exposto, arrastaram-se mais do que quaisquer outros na sua vida.

Mas ganhara — por pouco. E aprendera. Aprendera em todas as lutas desde então, fosse nas ruas lá em cima ou na arena esculpida nos esgotos do subsolo de Gotham City.

Não interessava quem era o seu oponente esta noite. Os desafiadores eram, por norma, variações do mesmo: homens desesperados que deviam mais do que podiam voltar a pagar a Falcone. Tolos desejosos de arriscar a vida a troco de uma oportunidade de ver a sua dívida perdoada se conseguissem derrubar uma das suas Leopardas no ringue.

Prémio: nunca terem de olhar por cima do ombro para uma sombra que os seguia. Custo de fracassar: ficarem de rastos — e a dívida manter-se. Por norma, com a promessa de um bilhete só de ida para o fundo do Rio Sprang. Possibilidades de ganhar: de escasas a nenhuma.

Independentemente de quem fosse o pobre desgraçado com quem lutaria esta noite, Selina rezou para que Falcone fosse mais rápido do que da última vez a acenar-lhe com a cabeça. Aquele combate... Ele obrigara-a a aguentar aquela luta particularmente brutal. A multidão revelara-se demasiado excitada, demasiado disposta a gastar dinheiro no álcool rasca e em tudo o que houvesse à venda no antro subterrâneo. Ela fora para casa com mais pisaduras do que o habitual e o homem que ela derrotara ficara demasiado inconsciente...

Não era problema dela, disse a si mesma repetidas vezes. Mesmo quando sonhou com os rostos ensanguentados dos seus adversários, tanto a dormir como acordada. O que Falcone fazia com eles depois dos combates não era problema dela. Ela deixava os seus adversários a respirar. Pelo menos, tinha isso onde se agarrar.

E, pelo menos, não era parva ao ponto de se rebelar abertamente, como algumas das outras Leopardas. Aquelas demasiado orgulhosas ou demasiado estúpidas ou demasiado novas para perceberem como aquele jogo funcionava. Não, as suas pequenas revoltas contra Carmine Falcone eram mais subtis. Ele queria os homens mortos — ela deixava-os inconscientes, mas fazia-o tão bem que ninguém na multidão contestava.

Uma diferença subtil, especialmente com a vida da irmã dela em jogo. Se pressionasse demais, Falcone poderia fazer perguntas, começar a questionar quem era mais importante para ela. Onde bater com mais força. Ela nunca permitiu que chegasse a esse ponto.

Nunca arriscou a vida de Maggie dessa forma — mesmo sendo aquelas lutas todas por ela. Sem exceção.

Já se tinham passado três anos desde que Selina se juntara às Leopardas e quase dois e meio desde que provara bem o seu valor contra os outros gangues de raparigas para que Mika, a sua Alfa, a tivesse apresentado a Falcone. Selina não se atreveu a faltar a esse encontro.

A ordem nos gangues femininos era simples: A Alfa de cada gangue liderava e protegia, estabelecia castigos e recompensas. As ordens da Alfa eram lei. E as que as faziam cumprir eram as Segundas e as Terceiras. Dali em diante, a hierarquia era mais dúbia. Lutar era uma forma de subir nas fileiras — ou de cair, dependendo de quão mal corresse um combate. Até uma Alfa podia ser desafiada, se alguém fosse suficientemente imbecil ou valente para fazê-lo.

Contudo, a ideia de subir na hierarquia estava distante da mente de Selina quando Mika trouxe Falcone para que este a visse lançar-se à Segunda da Alcateia e deixar a rapariga a esvair-se em sangue no cimento do beco.

Antes desse combate, apenas quatro pintas de leopardo tinham sido tatuadas no claro braço esquerdo de Selina, uma por cada luta ganha.

Selina ajeitou a bainha do seu top branco. Aos 17 anos, tinha agora 27 pintas desenhadas nos braços.

Invicta.

Era o que o mestre de cerimónias anunciava agora no salão. Selina percebeu vagamente o trauteio das palavras: *A campeã invicta, a mais temível das Leopardas...*

A mão dela moveu-se na direção do único artigo que lhe foi permitido levar para a arena: o chicote.

Algumas Leopardas optavam por uma maquilhagem ou roupas muito próprias para vincarem as suas identidades no ringue. Selina contava com pouco dinheiro para gastar nesse tipo de coisas — não quando um batom podia custar tanto quanto uma pequena refeição. Mas Mika ficara pouco impressionada quando Selina apareceu para o seu primeiro combate oficial com o seu velho *body* de ginástica e um par de *leggings*.

Parece que vais para uma aula de dança-jazz, dissera-lhe a sua Alfa. Deixa, pelo menos, que te demos umas garras.

Eram permitidos todo o tipo de armas pequenas no ringue, exceto facas e armas de fogo. Mas, naquela noite, não havia nenhuma disponível. Não, havia apenas o chicote, largado numa pilha de adereços da altura em que este lugar acolhera alguma espécie de circo alternativo.

Tens dez minutos para descobrir como usá-lo, avisara Mika a Selina, antes de lho entregar.

Ela mal descobrira como fazer estalar a coisa antes de ser lançada para a arena de combate. Na primeira luta, o chicote revelara-se mais um estorvo do que uma ajuda, mas a assistência adorara-o. E *ela*, em parte, também o adorara, o estalido que lhe abria o caminho pelo mundo.

Aprendera a manuseá-lo. Até se tornar uma extensão do seu braço, até lhe dar uma vantagem que a sua estatura franzina não dava. O dramatismo elevado que lhe facultava no ringue também não doía.

Uma batida na porta de metal era o seu sinal para avançar.

Selina verificou o chicote na anca, as suas calças pretas de licra, os ténis verdes que combinavam com os seus olhos — apesar de nunca ninguém alguma vez ter comentado. Tudo em condições. Fletiu os dedos nas suas proteções. Tudo em condições. Ou tão bem quanto possível. Tinha os músculos relaxados, o seu corpo flexível, cortesia do seu velho aquecimento de ginástica, que ela readaptou para estes combates. Entre o combate físico, o chicote e as puras acrobacias a que recorria tanto para o espetáculo como para derrubar os seus adversários mais pesados, metade da batalha passava por assegurar que o seu corpo estava a *postos* para estas lutas. A porta enferrujada rangeu quando Selina a abriu. Mika estava a guardar a rapariga nova no salão do outro lado, as luzes fluorescentes incertas a furtarem à pele dourada da Alfa o seu brilho habitual. Mika lançou um olhar avaliador a Selina por cima do seu ombro estreito, a sua trança preta a mexer-se com o movimento. A rapariga branca a fungar diante dela limpou cautelosamente o sangue que lhe escorria do nariz inchado. Um dos olhos felinos estava já inchado e vermelho, com o outro a nadar em lágrimas não disfarçadas. Não era de admirar que a multidão estivesse em ebulição. Se uma Leoparda tinha levado uma coça daquelas, devia ter sido uma luta do caraças. Suficientemente brutal para Mika assentar uma mão

no braço pálido da rapariga para que esta não vacilasse. Ao longo do corredor sombrio que dava para a arena, um dos seguranças de Falcone acenou-lhe. Selina fechou a porta atrás de si. Não deixara ficar os seus pertences. De qualquer maneira, não tinha nada que valesse a pena roubar.

— Tem cuidado — avisou Mika à passagem de Selina, com a voz da asiática a soar baixa e suave. — Ele esta noite está pior do que é costume. — A felina silvou, afastando de repente a cabeça quando Mika lhe tocou no lábio fendido com um toalhete desinfetante. Mika rosnou-lhe um aviso e a felina sabiamente ficou quieta, tremendo um pouco enquanto a Alfa lhe limpava o golpe. Mika acrescentou sem olhar para trás: — Ele guardou o melhor para ti. Lamento.

— É o costume — disse friamente Selina, com o estômago às voltas. — Eu consigo lidar com isso.

Não tinha outra hipótese. Perder levaria a que não restasse ninguém para tomar conta de Maggie. E recusar lutar? Também não era uma opção.

Nos três anos decorridos desde que Selina conhecera Mika, a Alfa nunca sugerira porem fim ao entendimento mantido com Falcone. Não o faria quando o apoio de Falcone às Leopardas levou os outros gangues de East End a pensarem duas vezes antes de tentarem infiltrar-se no território delas. Mesmo que isso significasse ter de participar naqueles combates e ter de oferecer Leopardas para entretenimento do público.

Falcone tornara-os um espetáculo semanal — em verdadeiro circo romano para levar a ralé de Gotham City a adorá-lo e a temê-lo. Sem dúvida que ajudou que muitos dos outros conhecidos marginais tivessem sido presos graças a certos benfeitores que cruzavam a cidade de capa.

Mika encaminhou a felina para a sala de preparação, apontando com o queixo para Selina — uma ordem para que avançasse.

Selina, no entanto, deteve-se para observar o salão, as saídas. Mesmo ali em baixo, no coração do território de Falcone, era morte certa ficar indefesa em espaço aberto. Em especial quando se era uma Alfa com tantos inimigos quanto Mika.

Três vultos esgueiraram-se de uma porta na ponta oposta do salão e os ombros de Selina afrouxaram levemente ao ver a rapariga

latina que de lá saiu. Ani, a Segunda de Mika, com duas outras Leopardas de baixa patente a ladeá-la.

Ótimo. Iriam guardar a saída enquanto a Alfa tratava das suas.

Os aplausos da multidão ribombaram pelo chão de cimento, fazendo estrepitar os azulejos nas paredes, ecoando pelos ossos e pela respiração de Selina conforme se ia aproximando da porta metálica amolgada da arena. O segurança fez-lhe sinal para que se despachasse, mas manteve o mesmo ritmo nas suas passadas. Passos furtivos.

As Leopardas, aqueles combates... eram o trabalho dela. E bem pago. Com a sua mãe ida e a irmã doente, nenhum emprego legítimo poderia pagar tão bem ou tão depressa.

Três anos antes, as Leopardas não tinham feito perguntas. Não tinham tentado imaginar se ela se envolvera propositamente naquela luta com a rapariga Lâmina no pátio do quarteirão — e outra e mais outra até Mika aparecer para ver quem era a exaltada do Edifício C.

Mika limitou-se a dizer-lhe que meter-se naquele tipo de merdas em East End iria levá-la a uma morte rápida e que as Leopardas teriam lugar para uma lutadora como ela. A Alfa não lhe perguntou quem a ensinara a lutar. Ou a aguentar um soco.

O segurança abriu a porta e o rugido sem filtros da multidão irrompeu pelo salão como uma alcateia de lobos raivosos.

Selina Kyle expirou profundamente enquanto erguia o queixo e entrava para o som, para a luz e para a ira.

Que comece o derramamento de sangue.

Tinha as mãos tão inchadas que mal conseguia pegar nas chaves.

O tilintar destas preencheu o corredor do seu prédio, tão alto como o raio de uma sineta a anunciar o jantar.

Necessitou de todos os seus resquícios de concentração para manter a mão suficientemente firme para enfiar a chave na fechadura de cima. Selina recusou-se a olhar para as outras três mais abaixo — cada uma tão imponente como o cume de uma montanha.

Demasiado tempo. Falcão arrastou o combate por demasiado tempo.

Mika não mentira quanto ao seu adversário. O homem tinha sido, ele próprio, um lutador. Não dos bem treinados, mas grande. Pelo menos o dobro do peso dela. E desesperado por pagar a sua dívida. Os golpes dele magoaram. E não foi pouco.

Contudo, ela vencera. Não por via da força bruta, mas por ter sido mais inteligente. Quando os ferimentos começaram a acumular-se, quando ele conseguiu arrancar-lhe o chicote da mão, quando ela perdeu temporariamente a visão num dos olhos graças ao sangue... ela usara pura física contra ele. O professor de ciências sentir-se-ia orgulhoso.

Se ela aparecesse amanhã na aula. Ou na semana seguinte.

A fechadura de cima abriu-se com um estalido.

Contra oponentes maiores e mais pesados, a pura força física não era a sua melhor aliada. Não, o seu arsenal era algo diferente: velocidade, agilidade, flexibilidade, principalmente graças àquelas inúmeras aulas de ginástica. E ao chicote. Tudo coisas a que podia recorrer para surpreender os seus oponentes — para dominar a velocidade de um homem de 90 quilos a investir contra ela e virá-la contra ele. Um quantas manobras e aquela investida cega contra ela transformava-se num arremesso contra as costas dele. Ou numa colisão de cara contra uma das colunas. Ou no chicote enroscado na perna dele, desequilibrando-o enquanto ela lhe dava uma cotelada na barriga.

Aponta sempre às partes moles. Aprendera isso antes mesmo de alguma vez pisar um ringue.

Ainda sentia o olho esquerdo algo turvo. Selina olhou para ambos os lados do corredor pintado num azul-acinzentado, passando os olhos pelos *graffiti* e pela poça de algo que não era água. Nada daquilo era ameaçador.

As partes ensombrecidas do corredor... Precisamente a razão para haver quatro fechaduras naquela porta. A razão para Maggie nunca a abrir, *qualquer* que fosse circunstância. Especialmente por causa da mãe delas. E de quem quer que pudesse acompanhá-la.

Ainda havia uma amolgadela na porta metálica desde a última vez — já lá iam seis meses. Uma amolgadela grande, logo junto ao óculo, onde o homem transpirado que estivera ao lado da sua mãe agarrada espetara o punho quando Selina recusou abrir-lhes a porta. Só foram embora quando um vizinho ameaçou chamar a polícia.

Havia gente simpática neste edifício. Boa gente. Mas, chamar a polícia teria piorado as coisas. Polícia significava perguntas. Perguntas sobre as suas *condições de vida*.

Selina voltou-se para a porta e assegurou-se de que ninguém se esgueirara para as sombras. No estado em que ela se encontrava... Conseguiu abrir a segunda fechadura. E a terceira.

Selina estava a começar a tratar da derradeira quando o elevador rangeu ao fundo do corredor. As portas amolgadas afastaram-se para revelar a Sra. Sullivan, com sacos de mercearia numa mão, chaves como garras enfiadas por entre os dedos da outra.

Os olhares delas cruzaram-se conforme a idosa mancou pelo corredor e Selina lhe assentiu com a cabeça, rezando para que o capuz da camisola que tinha vestida por baixo do casaco lhe escondesse o rosto. O chicote, pelo menos, estava oculto nas costas. A Sra. Sullivan mostrou um olhar muito severo, estalando a língua, e apressou-se para o seu apartamento. A mulher tinha cinco fechaduras.

Selina levou o seu tempo com a derradeira fechadura, bem consciente de que a mulher lhe escrutinava todos os movimentos. Refletiu se deveria dizer à Sra. Sullivan que não estava a demorar-se por equacionar assaltá-la. Refletiu, e optou por não fazê-lo face ao ar de desprezo que lhe voltou a idosa.

Escumalha — foi a palavra que dançou nos olhos da Sra. Sullivan, antes de bater com a porta do seu apartamento e de todas as fechaduras encaixarem de novo nos seus lugares.

Selina estava demasiado moída para se incomodar com aquilo. Já ouvira pior.

Abriu a última fechadura e entrou em casa, fechando e trancando rapidamente a porta. Fecho atrás de fecho atrás de fecho, depois a corrente no topo.

O apartamento encontrava-se às escuras, iluminado apenas pelo brilho dourado dos candeeiros de rua no pátio exterior das duas janelas da sua sala-kitchenette. Ela tinha praticamente a certeza de que havia gente em Gotham City com casas de banho maiores do que todo o espaço de sua casa, mas pelo menos mantinha-o o mais limpo possível.

O cheiro forte a molho de tomate e o odor doce a pão pairavam no ar. Uma espreitadela ao frigorífico revelou que Maggie comera efetivamente a comida que Selina lhe trouxera depois das aulas. Imensa.

Boa.

Fechando o frigorífico, Selina abriu o congelador e retirou de lá um saco de ervilhas guardado ao lado de uma pilha de refeições congeladas. Encostou-o à sua maçã do rosto latejante e contou as refeições — apenas três. As refeições delas para o resto da semana, assim que acabasse a italiana.

Pressionando as ervilhas congeladas contra a cara, apreciando a intensidade da frescura, Selina enfiou o chicote por baixo da bancada. Depois, descalçou os ténis com os pés e caminhou sobre a alcatifa verde desbotada da zona de estar até ao corredor, com a casa de banho e o único quarto logo em frente. A minúscula casa de banho encontrava-se às escuras, vazia. Mas, à sua esquerda, um brilho caloroso infiltrava-se pela porta deixada entreaberta.

O maço de notas no seu bolso de trás ainda não bastava. Não, entre a renda da casa, a comida, os exames de Maggie e o seguro de saúde. Sentiu um aperto no peito, abriu lentamente a porta com um ombro, esticando a cabeça para dentro do quarto. Era o único lugar com cor no apartamento, pintado de amarelo-forte e cheio de cartazes da Broadway que Selina tivera a sorte de encontrar quando outra escola de East End fora encerrada e o seu departamento de teatro fora limpo.

Esses cartazes vigiavam agora a rapariga na cama, enroscada por baixo de um edredão de criança com bonecos de desenhos animados que tinha uns dois tamanhos abaixo e dez anos a mais de uso. Era, portanto, tudo o que havia no quarto — incluindo o brilho da luz de presença que Maggie insistia em deixar acesa.

Selina entendia-a. Com 13 anos, Maggie já aguentara merdas suficientes para conquistar o direito de fazer o que bem lhe apetecesse. A respiração custosa e arranhada que enchia a divisão era prova suficiente. Selina pegou em silêncio num dos diversos inaladores pousados ao lado da cama de Maggie e verificou o nível. Havia mais do que suficiente no interior caso Maggie fosse tivesse esta noite outro ataque de tosse. Ainda que Selina corresse desde o sofá onde dormia na sala de estar, no momento em que ouvisse a irmã a tossir.

Depois de ligar o purificador de ar, Selina deslocou-se sorrateiramente para a zona de estar e afundou-se numa cadeira de vinil rachada junto à pequena mesa da cozinha.

Tudo lhe doía. Tudo latejava e ardia e implorava para que ela se deitasse.

Selina olhou para as horas. Duas da manhã. Tinham escola daí a... cinco horas. Bem, Maggie tinha escola. Selina com certeza não poderia ir com a cara naquele estado.

Retirou o dinheiro do bolso e pousou-o na mesa de plástico.

Utilizando a mão que lhe doía menos, Selina remexeu numa pequena caixa que havia no centro da mesa. Tinha de ser esperta no mercado — os fundos de apoio social não davam para tudo. Garantidamente não eram suficientes para a financiar a ela e a uma irmã com um caso grave de fibrose cística. Selina lera sobre alimentação curativa num computador da biblioteca enquanto esperava que Maggie terminasse o seu ensaio de teatro extracurricular. Não curava tudo, mas comer de modo saudável poderia ajudar. Valia a pena tentar *tudo*. Se servisse para ganhar algum tempo para Maggie. Se servisse para proporcionar algum alívio a Maggie.

Fibrose cística — Selina não conseguia recordar-se de uma única ocasião em que não tivesse tido conhecimento de tais palavras. Do seu significado: a doença genética incurável que gerava uma acumulação de muco em diversos órgãos, mas especialmente nos pulmões. O muco colava-se e bloqueava as vias respiratórias, onde prendia bactérias que, no melhor dos casos, originavam infeções. No pior cenário: danos nos pulmões e falha respiratória.

E, depois, havia também o muco que se acumulava no pâncreas, bloqueando as enzimas que ajudavam a decompor a comida e a absorver os nutrientes.

Selina procurara uma vez no *Google: esperança média de vida em casos de fibrose cística grave*.

Fechara o motor de busca e vomitara na casa de banho da biblioteca durante meia hora. Selina observou o dinheiro na mesa e engoliu em seco. Os alimentos saudáveis de que Maggie necessitava não eram barato. Os jantares congelados de micro-ondas eram refeições de emergência. Comida rasca. A refeição italiana fresca que Maggie comera esta noite fora um mimo raro.

E talvez um pedido de desculpas, pela luta por causa da qual Selina deixara a sua irmã.

— A tua cara.

As palavras roucas fizeram com que Selina levantasse a cabeça de repente.

— Devias estar a dormir.

O cabelo encaracolado de Maggie estava meio revoltado, com um vinco provocado pela almofada a marcar-lhe a bochecha demasiado magra e pálida. Apenas os seus olhos verdes — o único traço em comum que tinham, apesar de terem pais diferentes — estavam nítidos. Alerta. — Não te esqueças de pôr gelo nas mãos. Amanhã não vais poder usá-las se não o fizeres.

Selina sorriu ao de leve à irmã, o que só fez com que a cara lhe doesse ainda mais, e obedeceu, transferindo as ervilhas do rosto latejante para a pele rasgada e inchada dos seus nós dos dedos. Pelo menos o inchaço tinha diminuído um pouco, dado que o combate já terminara há uma hora.

Maggie atravessou vagarosamente a sala e Selina tentou não se retrair com a respiração penosa da irmã, com o aclarar discreto da garganta. A última infeção pulmonar deixara marcas e roubara-lhe a cor das faces, por norma rosadas.

— Devias ir ao hospital — disse Maggie, num sussurro. — Ou deixar que eu te trate disso.

Selina ignorou ambas as sugestões e perguntou:

— Como é que te sentes?

Maggie pegou no maço de notas, arregalando os olhos ao contar as notas de 20 dólares engelhadas.

— Bem.

— Fizeste os trabalhos de casa?

Um olhar irónico, irritado.

— Sim. E os de amanhã.

— Linda menina.

Maggie observou-a com atenção, aqueles olhos verdes demasiado alerta, demasiado conscientes.

— Temos médico amanhã depois das aulas.

— E o que tem?

Maggie acabou de contar o dinheiro e enfiou cuidadosamente o maço na pequena caixa com o cartão do apoio social.

— A mãe não vai aparecer.

Nem o pai de Maggie — fosse lá ele quem fosse. Selina achava que nem a sua mãe saberia. O próprio pai de Selina... Ela só sabia

o que a mãe contara durante um dos seus monólogos incoerentes enquanto estava pedrada: que o conhecera numa festa através de um amigo. Nada mais, nem sequer um nome.

Selina passou as ervilhas congeladas da mão esquerda para a direita.

— Pois não, não vai. Mas eu vou.

Maggie raspou uma mancha invisível na mesa.

— As audições para a peça da primavera estão a chegar.

— Vais tentar?

Um pequeno encolher de ombros.

— Quero perguntar ao médico se posso. — *Tão responsável, a sua irmã.*

— Que musical vai ser este ano?

— *Carousel.*

— Já alguma vez o vimos?

Um sacudir de cabeça, com aqueles caracóis a balouçar e um sorriso radioso. Selina retribuiu o sorriso.

— Mas calculo que o vamos ver amanhã à noite? — Sexta-feira à noite... noite de cinema. Cortesia de um leitor de DVD que ela e as Leopardas retiraram das traseiras de um camião e da extensa videoteca da biblioteca.

Maggie assentiu com a cabeça. Musicais da Broadway: o sonho não muito secreto de Maggie e uma obsessão de toda a vida. Selina não fazia ideia de onde viria. Nunca tiveram dinheiro para pagar bilhetes para o teatro, mas a escola de Maggie fizera muitas excursões para assistirem a produções de Gotham City.

Talvez ela o tenha apanhado numa dessas saídas, esse amor eterno. Nunca esmoreceu, mesmo quando a fibrose cística lhe assolou os pulmões de tal maneira que cantar, estar de pé num palco e dançar se tornou algo complicado.

Talvez um transplante de pulmões pudesse mudar isso, mas ela encontrava-se no fundo de uma longa lista. Mesmo com o estado de saúde de Maggie a piorar de mês para mês, ela não subia na lista. E os medicamentos que os médicos disseram ser determinantes e que acrescentariam décadas de vida a algumas pessoas com fibrose cística... Maggie não lhes reagira.

Só que Selina não ia dizer à irmã nada disso. Nunca a faria sentir como se houvesse limites ao que ela poderia fazer.

Só o facto de Maggie querer fazer uma audição provocou um forte aperto no peito de Selina.

— Devias ir para a cama — recomendou Selina à irmã, pousando as ervilhas congeladas.

— Também tu — frisou Maggie, num tom mordaz.

Selina arquejou uma gargalhada grave que levou o seu corpo dorido a protestar com a agonia.

— Vamos juntas.

Retraiu-se ao levantar-se e enfiou as ervilhas no congelador.

Acabara de se voltar quando sentiu uns braços delicados a abraçarem-lhe cuidadosamente a cinta. Como se Maggie soubesse que havia pisaduras a formarem-se agora nas costelas.

— Amo-te, Selina — disse ela, baixinho.

Selina beijou o alto da cabeça de Maggie por entre o caos de caracóis e massajou as costas da irmã, apesar de isso lhe fazer os dedos uivar de dor.

Mas valia a pena — aquela dor enquanto agarrava a irmã, com o frigorífico a zumbir firmemente em volta delas.

Valia a pena.

— Não entendo como é que a participação baixou tanto desde a última vez.

Teve de se esforçar para manter a voz firme, para não cerrar os punhos sobre o balcão do guichet do hospital.

A mulher idosa com bata florida cor-de-rosa levantou os olhos do computador.

— Só posso dizer-lhe o que me diz o computador. — Apontou com uma unha roxa comprida para o que quer que fosse no ecrã. — E isto diz que hoje deve 500.

Selina cerrou os maxilares até doerem, espreitando por cima de um ombro para onde Maggie a esperava numa das cadeiras de plástico, encostada à parede branca. A ler um livro — mas os olhos dela não percorriam a página.

Selina manteve a voz baixa, apesar de saber que Maggie iria debruçar-se para a frente para escutar sorrateiramente.

— No mês passado foi 100.

Aquela unha roxa bateu no ecrã.

— O Dr. Tasker hoje fez exames. O vosso seguro não cobre isso.

— Ninguém me explicou isso. — Mesmo que o tivessem feito, Maggie *precisava* daqueles exames. Mas os resultados... Selina afastou o pensamento da cabeça, a par do que o médico dissera pouco antes.

A mulher ergueu finalmente os olhos do computador o tempo suficiente para observar Selina com atenção. O inchaço na cara desaparecera e as pisaduras estavam disfarçadas com uma boa maquilhagem e um penteado arranjado de modo a criar uma cortina de cabelo preto. A mulher estreitou os seus olhos azuis.

— É familiar ou a tutora?

Selina limitou-se a responder:

— Não temos como pagar a conta.

— Então isso é algo a tratar com a sua companhia de seguros. Sim, mas Maggie iria precisar de mais exames como aquele que fizera hoje. O próximo seria daí a duas semanas. O terceiro daí a um mês. Selina fez as contas e engoliu em seco, com a garganta apertada.

— Não há nada que o hospital possa fazer?

A mulher voltou a teclar, com as teclas a estrepitar.

— Isso é um assunto a tratar com a sua companhia de seguros.

— A companhia de seguros vai dizer que é um assunto a tratar *convosco*.

O estrepitar das teclas deteve-se.

— Onde está a sua mãe? — A mulher olhou em redor para tentar perceber se a mãe de Selina estaria ali perto.

Selina sentiu-se tentada a dizer à mulher para ir dar uma volta a um beco de East End, dado que era o único local onde a mãe delas se encontraria, viva ou morta. Em vez disso, pegou no cartão do seguro que pousara no balcão e disse, sem rodeios:

— Está a trabalhar.

A mulher não pareceu convencida. Mas disse:

— Nós enviamos a conta para vossa casa.

Selina não se deu ao trabalho de responder enquanto se voltou e pegou na pesada mochila da irmã. Pondo-a a um ombro, fez sinal a Maggie para que a seguisse até à zona dos elevadores.

— Nós não temos 500 dólares — murmurou Maggie, enquanto Selina carregava com mais força do que aquela necessária no botão do elevador.

Não, entre a alimentação, a renda e os exames de hoje, o dinheiro do combate não iria chegar.

— Não te preocupes com isso — disse Selina, observando as luzes dos pisos do elevador a acenderem-se uma a uma.

Maggie abraçou-se a si mesma. Nada boas — as novidades não eram nada boas.

Aquela visão em túnel esmagadora voltou a assolar Selina. Aqueles 500 dólares e aqueles exames estúpidos e aquele médico de rosto inexpressivo a dizer: *Não há cura para a fibrose cística, mas vamos tentar mais uma ou duas vias.*

Ela quase perguntara: *Antes de quê?*

Enquanto Maggie permanecia agarrada a si mesma, os seus dedos embotados e redondos — a forma deles mais um *vai-te lixar* vindo da doença — cravados nos seus braços magros com força suficiente para levar Selina a retrair-se.

Selina agarrou numa das mãos da irmã e entrelaçou os seus dedos nos dela.

Apertando com força, nenhuma das irmãs largou a mão até chegarem a casa.

Os vizinhos estavam a discutir intensamente.

Uns cinco minutos depois de Selina ter posto o filme, a gritaria e os guinchos começaram a transpor a parede atrás delas. Enroscada no sofá bambo e manchado que também servia de cama a Selina, a sua irmã estava enfiada num canto com os pés no colo de Selina, com esta alheadamente a ouvir a discussão de bêbedos que decorria na porta ao lado e o musical na velha televisão diante delas.

Carousel. A música era boa, embora toda a gente fosse um pouco crítica e sorridente e o tipo fosse um idiota supercontrolador. Ainda assim, a cabeça de Maggie balançou ao sabor da música.

O cheiro a massa com queijo barata empestou o ar. Selina propusera a Maggie oferecer-lhe uma refeição em condições, mas esta só quisera ir para casa — cansada, explicara. Não perdera aquela expressão sombria desde que saíram do hospital. E o ambiente estava tão pesado que Selina nem sequer tentara convencê-la.

Não é que tivessem dinheiro. Mas, depois do prognóstico não muito animador do médico, que diferença fariam 30 dólares?

Selina olhou para o seu telefone de tampa pousado na mesa de centro onde assentara os pés. Mika e as outras Leopardas sabiam que não deviam ligar-lhe à sexta-feira. Sabiam que era única noite em que Selina não apareceria, independentemente do trabalho ou da ameaça que surgisse.

Se Mika lhe ligasse naquele momento, dizendo que Falcone ia organizar outro combate e que pagaria bem, aceitaria. Faria três combates consecutivos.

Mas... não. Tinha de ser inteligente. Se se magoasse demasiado, as assistentes sociais do hospital iriam meter o nariz. Perguntar onde se encontrava a mãe delas e, provavelmente, reconhecer as tatuagens nos braços de Selina. Tatuagens que mantinha tapadas todo o ano com mangas compridas. Até com Maggie, assegurava-se de que se vestia na casa de banho e de que nunca arregaçava demasiado as mangas enquanto lavava as mãos.

Só que, no ringue... aquelas tatuagens estavam completamente à vista dos adversários. *Olha como caíram tantos*, rosnavam estas a quem as visse. *És o próximo*.

Ouviu-se um baque na parede atrás delas que sacudi as duas fotografias emolduradas. A maior: uma foto dela e de Maggie de há dois anos — a moldura roubada, a foto uma impressão barata da impressora da biblioteca da escola. Estavam sentadas num banco no parque num glorioso dia de outono, as árvores a brilhar como joias em redor delas e Maggie pedira a uma mulher de negócios que ia a passar se lhes tirava uma fotografia com o telemóvel. A qualidade da imagem não era grande coisa, mas a luz que irradiava do rosto de Maggie era perfeita.

E a segunda: uma foto de Selina há cinco anos, suspensa no ar a executar uma cambalhota para trás sobre uma trave olímpica. Uma das muitas provas de ginástica em que ela participara. E que ganhara. O instrutor dela tentara convencê-la a continuar depois daqueles três anos iniciais, alegando que era extremamente dotada. Mas a doença de Maggie estava cada vez pior, a mãe delas acabara de ser libertada sob fiança e o tempo e o dinheiro necessários para competir... Não era uma opção. Assim, Selina deixou de ir às aulas de ginástica, deixou de atender as chamadas do treinador. Apesar de continuar a usar nos seus combates tudo aquilo que aprendera.

A assistência também adorava. Talvez até mais do que do chicote. O movimento preferido: um salto mortal seguido de cambalhota — mesmo em cima dos ombros do adversário. Onde a gravidade e um apertão de pernas sobre a garganta levavam o homem a ficar de joelhos.

Um chorrilho de insultos atravessou o apartamento e Maggie debruçou-se para a frente para pegar no comando e subir o volume.

— Este é o número principal — explicou a irmã, de olhos fixos no ecrã. — A canção mais conhecida do musical.

O parvalhão controlador lançara-se, efetivamente, num monólogo aparentemente interminável.

— Ele acabou de saber que a mulher está grávida e está-se a passar.

— Estou a ver — comentou Selina, arqueando as sobrancelhas. Maggie sorriu, abanando a cabeça.

— Estás a ouvir os vizinhos.

Culpa. Selina encolheu os ombros para pedir desculpa à irmã e voltou a concentrar-se no musical. Devaneios, meditações e satisfação face ao filho que iria ter, disparates completamente machistas.

— Eles vão mesmo organizar isto na tua escola?

Maggie acenou-lhe com a mão para que se calasse. A canção mudou, com o idiota agora a refletir sobre como será terá uma filha, mais disparates machistas e tretas misóginas.

Selina desviou a sua atenção para Maggie quando a música mudou, levantando-se. Os belos olhos verdes da irmã estavam arregalados e brilhantes.

— É esta parte — sussurrou.

A música explodiu e os lábios da irmã mexeram-se, formando todas as palavras. Apenas o movimento dos lábios, porque aqueles pulmões debilitados não sustinham ar suficiente para produzir sons e a última infeção arrasara qualquer hipótese de manter uma nota afinada.

Maggie cantou em silêncio, sem deixar escapar uma palavra.

Selina olhou para o ecrã. Para o mar arrebatador e para o homem a despejar todas as notas, todos os sonhos de acolher e proteger e ter comida na mesa para a criança. De ganhar dinheiro de qualquer maneira possível, fosse por roubo ou de forma honesta. A sua única opção: dar tudo de si.

E, ao fim de um momento, até pareceu que os vizinhos se calaram para ouvir. Todo o prédio. Todo o East End. Quando Selina espreitou de novo para a irmã, Maggie olhava fixamente para ela, com a boca cerrada. Os olhos brilhantes com as lágrimas. E foi a compreensão no rosto da irmã, a forma como os olhos humedecidos de Maggie incidiram nas nódoas negras de Selina...

Selina obrigou-se a manter-se sentada por mais um minuto. Dois. Cinco. Dez.

Maggie voltou a prestar atenção ao filme. Os vizinhos voltaram à gritaria e aos insultos.

Depois, Selina levantou-se descontraidamente, pousando gentilmente os pés de Maggie envolvidos na manta sobre o sofá antes de sair em passos leves para a casa de banho. Pensou se a sua irmã a teria visto a pegar no telemóvel.

Selina fechou a porta da casa de banho e ligou a torneira do lavatório no máximo.

Por fim, conseguiu fechar a tampa da sanita, antes de se deixar abater sobre a mesma e tapar a cara com as mãos, arquejando. As paredes pareciam fechar-se sobre ela e o ar não lhe chegava para respirar fundo...

Deixou cair a mão até ao peito, como se conseguisse de alguma forma abrir mais os pulmões — os pulmões dela e os pulmões de Maggie, destroçados e a falhar. *Há inúmeros outros doentes desesperados à espera de transplantes de pulmões*, dissera o médico nessa tarde. *Não contaria muito com isso.*

A não ser que se fosse rico o suficiente para comprar um lugar mais acima na lista. Ou para comprar um par deles nos mercado negro.

Selina inspirou e expirou fundo várias vezes, com as mãos a tremer de tal maneira que as baixou até aos joelhos, apertando com força. Os pulmões iriam lutar durante uns 20 anos, na melhor das hipóteses. Na pior...

O ritmo a que progrediu a doença e a resistência de Maggie aos medicamentos são motivo de preocupação, prosseguira o médico, falando mais para o seu rebanho de estagiários do que para elas.

Maggie não lhe pergantara se poderia participar no musical. A sua irmã percebera. Percebera que aquela coisa que lhe dava alegria de viver, que lhe dava uma ténue esperança... Não interessava

quantos combates Selina lutasse por ela. Quantas lojas pilhasse com as Leopardas. O sangue e as pisaduras e as costelas rachadas não poderiam comprar um par de pulmões para a irmã, nem uma cura para a sua doença, nem uma oportunidade para subir ao palco e cantar a plenos pulmões.

Um soluçar ameaçou, encolhendo-se a cada respiração.

Selina voltou a tapar a cara, como se fosse possível esconder as lágrimas que brotavam de dentro dela como uma vaga, que ela empurrava insistentemente para trás.

Com as mãos a tremer, pegou no telefone pousado no lavatório minúsculo, os dedos a tremer de tal maneira que mal conseguiu escrever a Mika. *Preciso de outra luta. E já.*

Mika respondeu ao fim de uns minutos. *Se precisas de dinheiro, eu empresto.*

Tentador, mas demasiado complicado. Não conseguiria pagar de volta a Mika. E, apesar de confiar na sua Alfa, isto era o East End. Toda a gente precisava de dinheiro e Mika podia ser violenta ao querer a devolução.

As lutas servem. Depois, quase de seguida, Mas obrigada.

A resposta de Mika foi instantânea. *É alguma coisa com que deva preocupar-me?*

Não por se interessar, mas se fosse algo que ameaçasse as Leopardas ela precisava de saber.

Só umas merdas pessoais.

Ela não tinha a certeza se a Leoparda sabia da doença da sua irmã. Nunca lhes contara e Mika não era do tipo de perguntar.

Mika respondeu com uma pergunta. *Já saraste o suficiente de ontem à noite?*

Não. *Sim.*

Selina expirou fundo, com as lágrimas a conterem-se. Desligando a torneira, pôs-se à escuta. O musical prosseguia — a par da discussão dos vizinhos.

É evidente que poderia roubar o dinheiro. Já o fizera no passado com as Leopardas. Até apreciara os quebra-cabeças que apresentavam alguns assaltos: como arrombar um lugar, como passar pelos guardas ou sistemas de segurança, como evitar deixar rasto. Mas, ir sozinha... Ainda não o fizera. Não iria arriscar-se a ser presa, pelo menos enquanto lutar fosse uma opção relativamente mais segura.

Mika limitara-se a dizer: *Vou perguntar ao Falcone.*

Selina fechou a tampa do seu telemóvel e puxou o autoclismo. Felizmente, tinham parado as tremuras na mão quando regressou à sala de estar, onde a sua irmã ainda se encontrava enroscada no sofá.

Maggie pegou no comando e fez uma pausa no filme. Fitando Selina com um olhar a que nada escapava, nem sequer o telemóvel cerrado na mão, Maggie perguntou baixinho:

— Não podes simplesmente pedir o dinheiro?

Selina nem quis perceber como é que Maggie adivinhara enquanto enfiava o telefone no bolso de trás.

— Não.

Ela e as Leopardas eram muitas vezes enviadas por Falcone para cobrar a quem lhe devia dinheiro. Ou para lhes recordar o dinheiro devido ou para aplicar um castigo quando era ignorado o derradeiro aviso. Era feio e sujo, e nem morta aceitaria dever-lhe dinheiro.

— Mas...

Maggie voltou a abrir a boca, com um fogo verde a iluminar-lhe o olhar, mas ouviu-se alguém a bater à porta.

Paralisaram. Não era nada bom. Àquela hora.

Mais uma batida forte.

— *Polícia!*

CAPÍTULO 2

Merda.
Selina sabia de cor todas as saídas possíveis do seu apartamento. Olhou para a janela na outra ponta da sala. Será que a sua irmã conseguiria descer suficientemente depressa pela escada de incêndio para escaparem?

Se fosse preciso, levaria Maggie ao colo. Selina estremeceu ao levantar-se de um pulo, com uma dor a percorrer-lhe todo o corpo.

Maggie afastou a manta das pernas quando a porta voltou a abanar.

— O que é que fazemos? — questionou, entre dentes.

Se era por causa das Leopardas...

— Andamos à procura da senhora Maria Kyle — anunciou o agente.

Selina soltou o ar, sendo imitada por Maggie. Graças a Deus. Já tinham lidado com isto no passado. Várias vezes. Não era uma novidade para elas.

Esconde-te, indicou Maggie movendo os lábios. Os polícias iriam, por certo, começar a fazer perguntas por causa das pisaduras dela. Selina abanou a cabeça. Mas Maggie levantou-se e apontou para o quarto numa ordem muda.

Mais uma batida na porta.

Selina coxeou até lá e confirmou que estavam ali parados dois agentes encorpados da GCPD¹, um de cabelo escuro e o outro careca e com bigode, antes de se dirigir para o armário do quarto.

Um esconderijo fiável no passado, uma parte dele suficientemente funda para ela permanecer escondida. Ou para lá pôr Maggie. Selina estava a trepar pelas roupas muito bem compartimentadas quando Maggie abriu a porta, destrancando as fechaduras.

Com os ouvidos apurados e muito atentos, Selina escutou a irmã a dizer calmamente, num retrato perfeito de alguém ensonado e baralhado:

— A minha mãe hoje não vem a casa.

Um dos polícias pediu:

— Podemos entrar?

— Não tenho autorização para deixar entrar estranhos — frisou a irmã dela. — Nem sequer polícias.

Uma pausa. Depois, ouviu-se uma voz feminina.

— E se for uma assistente social, Maggie?

O coração de Selina deixou de bater.

Não estava qualquer mulher lá fora quando ela espreitou, muito menos assistentes sociais...

Maggie gaguejou.

— Porquê? A m-minha mãe não está.

— Nós sabemos — disse calmamente a mulher, mas sem gentileza. — Ela está na esquadra.

Com os cabides a chocalhar, Selina saiu disparada do armário, com a dor a fustigar-lhe o corpo enquanto passava por cima de montes de roupa dobrada, o quarto agora um campo de minas a impedir que chegasse ao *hall*.

Entrou atabalhoadamente na sala de estar, onde Maggie se encontrava diante da porta aberta, os dois polícias altos e uma mulher de tez clara com um fato que lhe assentava mal. Olharam todos para ela, os olhos dos polícias estreitando ao verem as pisaduras, o rosto da mulher a fazer um esgar de reprovação.

— Ótimo. Ainda bem que também aqui estás — foi tudo o que disse a assistente social.

¹ GCPD significa Gotham City Police Department, ou seja, Departamento de Polícia da Cidade de Gotham. [N.T.]

Maggie recuou até se pôr ao lado de Selina. Os agentes e a assistente social forçaram a entrada no apartamento, fechando a porta atrás deles.

Selina sabia que os vizinhos estariam provavelmente à escuta através das paredes quando a assistente social prosseguiu.

— Recolhemos a vossa mãe há algumas horas. Não está lá muito bem. — Um olhar em redor pelo apartamento. — Mas, de certeza que vocês já sabem disso.

— Sabemos — disse Selina num tom neutro.

— Também não estás em boa forma — acrescentou a mulher.

— Eu estou bem. Caí ontem pelas escadas abaixo.

— Deve ter sido cá uma queda — disse um dos polícias, cruzando os seus braços volumosos. Uma pistola, um bastão expansível e um *taser* pendurados no seu cinto grosso.

— Não temos dinheiro para pagar a fiança — disse Selina.

A assistente social teve a presença de espírito de rir baixinho.

— Não estamos aqui por causa disso. — Um olhar entre ela e Maggie. — Estamos aqui para vos levar às duas.

— A Maggie está inocente — disse Selina, empurrando a irmã para trás de si.

— E tu? — perguntou o segundo polícia, erguendo as sobrancelhas no seu rosto carnudo.

Selina ignorou-o, fitando a assistente social nos olhos. Havia uma nota de mil dólares enfiada na caixa colada por baixo da bancada da cozinha. Se andavam à procura de um suborno...

— Nenhuma de vós está em apuros, Selina Kyle — disse a assistente social, a típica abelha trabalhadora burocrática e respeitadora de regras. — Só que, dado que são as duas menores e vivem aqui sozinhas... — Um olhar em volta do apartamento revelou que a mulher estava bem ciente de que elas estavam por sua conta há anos — ...precisamos de encontrar um sítio melhor para morarem. Há dois lugares muito bons em lares que estão neste momento à vossa espera.

Lares de acolhimento. *Separados*.

A sala, os sons, o corpo dela... tudo começou a parecer-lhe algo distante.

— Esta é a nossa casa — disse Maggie, baixinho. — Estamos aqui bem.

— O Estado não tem a mesma opinião — frisou um dos policiais, com o seu bigode ruivo a parecer amarelo em contraste com a sua pele macilenta. — Duas miúdas a viverem sozinhas *neste* prédio? — O homem aproximou-se da cozinha e começou a abrir armários.

O coração de Selina bateu descompassadamente a cada rangido e baque da madeira. E as suas mãos começaram a tremer quando ele se curvou, abrindo os armários da bancada e espreitando para lá. Um pedaço de fita-cola e riu-se por entre dentes quando se endireitou, com a caixa do dinheiro nas mãos.

Abrindo a tampa, sorriu para o dinheiro no interior. Pegou no maço de notas e abriu-o em leque. O parceiro assobiou em aprovação.

— Tens andado a trabalhar por fora? — perguntou ele a Selina.

Pelo modo como os olhos dele a miraram, percebeu a que tipo de trabalho pensou que ela se dedicava.

— Não — respondeu secamente.

Ele percebera exatamente onde poderia estar escondida a caixa. Talvez estivesse a contar com drogas. Ela deveria ter escondido aquilo melhor, descoberto um lugar mais adequado para aquele dinheiro...

— Tu tens cadastro — frisou a assistente social.

— Isso foi há três anos. — A voz de Selina soou surpreendentemente calma.

— Tens duas acusações — prosseguiu a assistente social. — Nenhum juiz vai permitir que aqui fiquem. — Apontou para o quarto. — Façam as malas. Tragam coisas suficientes para um par de semanas.

Maggie abanou a cabeça.

— Eu não vou.

Selina viu como o polícia de bigode sorria para ela enquanto enfiava a nota de mil no bolso. Sentiu o estômago a cair-lhe aos pés, a batida do coração a martelar pesadamente em todo o seu corpo.

Dois policiais corruptos no apartamento dela. E uma assistente social insensível. Não era bom. Não era seguro.

— Maggie — murmurou à sua irmã. — Vai fazer as malas.

A irmã recusou-se a mexer-se.

Selina virou-se para a mulher, que cruzara os seus braços magros.

— A minha irmã tem um problema de saúde grave. Uma residência de grupo numa casa nojenta não é aquilo de que ela precisa.

— Todos os lares de acolhimento do nosso sistema são constantemente inspecionados em termos de limpeza e segurança. Para qualquer casa que ela vá, vai ter aquilo de que precisa.

Tretas. Ela ouvira algumas raparigas das Leopardas dizerem que tais casas eram, na melhor das hipóteses, palácios de baratas.

— E quanto às necessidades especiais da Maggie — disse a mulher, com a paciência a esgotar-se nas suas palavras cada vez mais articuladas —, viver com a irmã com registo criminal também não me parece o mais seguro.

Maggie ripostou.

— Não sabe o que *diz*.

Selina lançou um olhar de aviso à irmã.

— Vai fazer as malas.

Maggie abanou a cabeça, balouçando os seus caracóis castanhos.

— Não vou.

— Já é quase uma da manhã — crocitou a assistente social.

— Vamos lá instalar-te num sítio seguro.

— Eu *aqui* estou segura — disse Maggie, com a voz a vacilar.

Ao ouvir aquilo, o modo como a voz de Maggie soçobrou com medo, o sangue de Selina começou a ferver.

Mantém-te calma. Mantém-te concentrada.

— Se é assim tão tarde, porque é que não dormimos aqui? Podem vir buscar-nos de manhã.

— E quando voltarmos percebemos que já se piraram da cidade? — perguntou o polícia de cabelo preto que não lhe tirara o dinheiro. — Nem pensar. Peguem nas vossas coisas. Já.

Sem opções. Sem escolhas. Sem maneira de resolver isto.

Selina assentou uma mão no braço demasiado magro de Maggie. Maggie iria precisar de levar todos os seus medicamentos...

O toque pareceu libertar alguma coisa na irmã.

Maggie saiu disparada.

Não para o quarto, mas para a porta do apartamento.

Por momentos, o mundo abrandou e vergou-se.

Tudo o que Selina viu foi a sua irmã, tão frágil e pequena, a correr para lá daqueles polícias, o cabelo a esvoaçar atrás dela. Tudo o que viu foi o polícia mais próximo, o de bigode que enfiou o dinheiro dela ao bolso, a correr atrás de Maggie, a mão enorme dele a tentar alcançar-lhe o braço delicado.

E, conforme a mão se aproximou do braço de Maggie, conforme a respiração entrecortada dela, devido à dor e à dureza daquele aperto, preencheu o apartamento, o mundo...

Selina explodiu.

O polícia de cabelo preto foi o primeiro a cair. Um soco de baixo para cima para lhe levantar a cabeça, depois uma cotovelada no nariz para o deitar por terra. Já estava inconsciente antes de cair na alcatifa.

A assistente social guinchou, mas Selina já estava a tratar do polícia de bigode, agora a rodopiar na direção dela, aquela mão carnuda ainda a agarrar o braço de Maggie.

Selina atirou o seu corpo contra o dele. Ele largou Maggie de imediato, com ambas as mãos a tentarem afastar Selina conforme embatiam na parede, estalando o estuque.

— *Sua grande...* — As palavras que cuspiu foram interrompidas quando Selina se esquivou à tentativa dele de a agarrar, se desviou da atropalhagem dele para voltar a agarrá-la, e lhe cravou o punho do rosto.

O corpo dela gritou de dor, com as feridas a abrirem, as pisaduras a choramingar.

— *Foge* — conseguiu dizer a Maggie.

Mas a sua irmã permaneceu paralisada. Boquiaberta, ficou pálida de horror.

As mãos magras e pálidas voltaram a agarrar o braço de Maggie. A assistente social.

— Ela não vai a lado nenhum.

E aquelas mãos, aquelas mãos e aquele rosto frio e odioso...

Selina deu um empurrão à mulher. Com força.

Com força suficiente para a assistente social se desequilibrar contra a mesa, espalhando as cadeiras.

Maggie gritou e Selina rodopiou, punhos erguidos e joelhos fletidos.

Demasiado devagar. O polícia de bigode estava a levantar-se. Ela não teve tempo para se desviar antes de volts de dor lhe percorrerem o corpo. Antes de o rosto lascivo e ensanguentado dele sorrir ao cravar-lhe o *taser* no pescoço.

Ela sentiu-se invadida pela dor — e, depois, o mundo inclinou-se.

E, depois, nada.

O zumbido das luzes fluorescentes foi aquilo que a despertou. Sentiu a língua seca, um peso denso na boca, a cabeça a latejar intensamente, o seu corpo...

Sentada numa cadeira. Algemada à mesa de metal diante dela. Uma sala de uma esquadra.

Selina gemeu baixinho, observando o espaço. Minúsculo. Sem espelho transparente de um lado. Sem altifalantes, nem câmaras, nem nada.

Puxou as algemas presas à mesa para ver se estavam bem presas.

Estavam.

Maggie...

A porta de metal silvou ao abrir e Selina retraiu-se.

Não era a assistente social loura no seu fato foleiro. Nem o polícia que a mirara por um tempo excessivo.

Entrou, sim, uma mulher alta e magra com um cabelo preto como breu, pele cor de mel dourado.

Selina conhecera vários dos homens de negócios com quem Falcone gostava de se associar para saber que o fato branco era de boa qualidade. E, do seu trabalho com Mika, sabia que as joias douradas simples e elegantes no pescoço e orelhas eram verdadeiras e caras. As unhas arranjadas, o cabelo sedoso cortado em camadas de bom gosto, os lábios bem pintados de vermelho, tudo aquilo eram sinais que gritavam *dinheiro*.

Não era uma assistente social.

As suas unhas carmesim tamborilaram numa pasta grossa que ela tinha nas mãos conforme se abeirou da mesa e da cadeira vazia diante dela. O ficheiro de *Selina*.

Aquilo não era nada bom.

— Onde está a Maggie? — As palavras saíram lentas e arranhadas. Água... ela precisava de água. E de uma aspirina.

— Chamo-me Talia.

— Onde. Está. A. Maggie.

Manter a cabeça direita esgotou-a, graças à pisadura do *taser* que ainda irradiava dor pelo seu pescoço e coluna.

— *Tu* chamas-te Selina Kyle e tens 17 anos. Estás a 3 semanas de fazer 18 anos. — Um estalido da língua enquanto deslizava para a cadeira de metal diante da mesa, abria a pasta grossa e começava a

folheá-la. A mesa era demasiado comprida para Selina ver o que examinava a mulher. — Para alguém tão jovem já fizeste imenso. — *Flic, flap, siu.* — Apostas ilegais, agressão, roubo.

Vergonha e orgulho digladiaram-se dentro dela. Vergonha face à possibilidade de Maggie poder vir a saber disto, a verdade nua e crua dos seus crimes... Selina sabia que não conseguiria aguentar o olhar que veria no rosto da irmã. Orgulho pelo facto de ter *feito* aquilo, ter sobrevivido da melhor forma que pôde e ter dado, também, à irmã tudo o que pôde.

Selina conseguiu manter uma voz descontraída e entediada ao responder.

— Nunca fui condenada pelos dois últimos.

— Pois não, mas estão aqui as acusações — contrapôs Talia, batendo com uma unha vermelha no papel. — Aquilo de que *vais* ser condenada daqui a uns dias é de maus-tratos agravados a dois agentes e a uma funcionária pública.

Selina limitou-se a olhar fixamente para a mulher por baixo das suas sobranceiras franzidas. Não havia como escapar daquela divisão — daquela esquadra. E, mesmo que conseguisse, ainda teria de encontrar Maggie. Que seria também o primeiro passo dos polícias.

Talia sorriu ao de leve, revelando uns dentes demasiado brancos.

— Foi a polícia que te fez essas pisaduras?

Selina não respondeu.

Talia voltou a folhear a pasta, à procura de algo.

— Ou essas pisaduras e nós dos dedos gretados são das lutas que fazes para o Carmine Falcone?

Silêncio. As Leopardas não falavam. Selina não o fizera das duas primeiras vezes que ali estivera. Também não era agora que ia fazê-lo.

— Queres saber o que significa estar a 3 semanas de fazer 18 anos em Gotham City? — Talia debruçou-se para a frente, pouando os braços na mesa metálica. Notava-se um pequeno sotaque nas palavras dela, um leve ronronar enrolado.

— Que posso jogar na lotaria?

Mais uma vez, um vestígio de um sorriso.

— Significa que vais ter sorte se o juiz te julgar como juvenil. É a tua terceira vez. Seja como for, vais ficar atrás das grades. Resta saber se será na prisão das crianças se na das raparigas grandes.

— Onde. Está. A. Maggie.

A pergunta rugia-lhe no sangue — uma exigência sonora e esmagadora.

Talia recostou-se na cadeira e fez deslizar uma pasta com folhas presas por cliques na direção de Selina.

— A tua irmã está numa residência de grupo. Na Bowery, de East End.

Oh, meu Deus. Se a zona onde elas moravam era uma estremeira, então ali era a verdadeira lixeira. Os gangues daquela zona... Nem sequer Falcone se metia com eles.

Selina pousou as suas mãos atadas sobre a pasta que Talia empurrara, com a foto de uma cama suja e exígua em cima. O *novo* quarto de Maggie. Voltou a folha para baixo, enroscando os dedos.

— Sabe Deus quem manda nessa casa — meditou Talia, folheando o resto do ficheiro de Selina.

— Está a tentar irritar-me para poderem acrescentar agressão a uma idiota de primeira categoria à minha folha?

A pergunta saiu, alto e bom som, antes de Selina conseguir sequer reconsiderar.

Talia riu-se, de forma leve e descontraída.

— Achas que consegues fazê-lo? Algemada?

Em resposta, soou um leve clique.

Rodando o seu pulso livre, Selina largou o clipe endireitado na mesa de metal. Um passe de magia — virar a foto do lar de acolhimento de Maggie para distrair o olho enquanto deitava a mão ao clipe. E, depois, usá-lo com cuidado para libertar uma algema. Treinara um par de anos, para aprender o modo do funcionamento do fecho. Para um momento precisamente como este.

Talia voltou a sorrir, abertamente, e murmurou de satisfação.

— Miúda esperta. — Apontou de repente com o queixo para a mão livre de Selina. — Sugiro que voltes a pô-la. Sabes como a polícia é exigente com essas coisas.

Ela assim fez. E sabia que, mesmo que abrisse a outra algema e desse um soco na cara àquela mulher, nem assim conseguiria escapar daquela sala de detenção ou da esquadra.

Selina fechou de novo a algema com um clique. Deixando-a suficientemente larga para poder voltar a libertar-se, caso se revelasse necessário.

Talia observou cada gesto, com a cabeça inclinada para o lado, balançando o cabelo preto.

— Estou aqui para te fazer uma proposta, Selina Kyle.

Selina aguardou.

Talia fechou a pasta.

— Dirijo uma escola vocacional para jovens como tu. Fisicamente dotadas, sim. — Apontou com a cabeça para as algemas, para as nódoas negras no rosto. — Mas, principalmente, *inteligentes*. — Pousou uma mão no ficheiro. — Tenho todas as tuas notas, anos após ano. Os resultados dos teus exames. As tuas amigas gatinhas sabem que és a melhor da turma e que tiveste resultados excelentes nos exames estaduais?

— Não sei do que está para aí a falar. — Assegurara-se de que as Leopardas também nunca saberiam daquilo. Ser boa no ringue com o chicote e na ginástica era todo o talento que necessitava de mostrar. Selina debruçou-se um pouco para a frente. — Testes excelentes não ganham lutas.

Outra gargalhada, esta grave e maliciosa.

— Sabes, se as tuas faltas constantes não te tivessem impedido de terminar este ano a secundária, poderias ter um bom lote de bolsas por onde escolher.

A faculdade não era uma opção. Não tendo de tomar conta de Maggie.

— Mas, esta minha escola — disse Talia, passando com uma unha sobre a superfície da pasta. Parecia uma comprida garra vermelha —, seria um recomeço. É bem melhor do que uma casa de correção. Ou prisão.

A cada minuto ali perdido, Maggie estava na casa nojenta, a respirar imundice e pó.

— O problema, antes que perguntes, é que essa minha escola fica nas Dolomitas, em Itália. E a tua irmã não pode vir.

Selina pestanejou, processando o que a mulher dissera. Uma escola em Itália. Sem Maggie.

— Se vieres comigo — prosseguiu Talia —, posso fazer com que este processo — uma batida da mão na pasta — desapareça. Para sempre.

Selina observou a pasta e, depois, o belo rosto de Talia. Tais ofertas não vinham sem contrapartidas.

— Estou-me a cagar para o registo — disse Selina. — Quero a Maggie fora daquela casa.

Talia piscou os olhos, o único sinal de surpresa.

— Quero a minha irmã num lar de acolhimento unifamiliar. Com boa gente disposta a adotá-la. Algures num subúrbio agradável. Sem gangues, nem violência, nem drogas.

Silêncio.

Selina acrescentou suavemente.

— E quero que se assegure de que a minha mãe nunca mais volta a pôr as mãos na Maggie.

As luzes no alto zumbiram. A mão de Talia raspou na superfície da pasta enquanto deslizava as mãos para o colo.

— Não estás em posição de fazer exigências.

Selina recostou-se na sua cadeira, recusando-se a desviar os olhos do olhar sombrio da mulher.

— Se me quer tanto no seu clube de tráfico de seres humanos, vai fazê-lo.

Talia desatou a rir. Não havia qualquer alegria naquele som.

Selina rodou os ombros e aguardou.

Talia voltou a rir-se entre dentes, antes de lançar o seu cabelo sobre um ombro.

— Eu trato disso.

Selina não se permitiu a mostrar o seu espanto.

— Há mais uma condição — disse Talia, ao erguer-se da mesa. É claro que havia. Selina controlou em absoluto a sua respiração.

— Partimos esta noite — disse Talia. — E não vais ter oportunidade de te despedires.

Por momentos, Selina não ouviu as palavras, ou o zumbido das luzes, ou o estalido dos saltos beges de Talia enquanto se encaminhava para a porta. Ouviu aquela maldita canção de *Carousel*.

E Selina ainda a ouvia quando ela disse, com uma voz grossa:

— Tirem-lhe as algemas.

A pista do aeródromo privado estava vazia.

Vazia com a exceção do elegante jato branco parado logo em frente à pista de descolagem, as suas escadas já baixadas e a deixar antever um interior em madeira quase brilhante.

A combinação perfeita com o *Aston Martin* de onde Selina acabara de sair. Talia já se encaminhava para o avião.

Esfregando os pulsos, Selina seguiu a mulher, espreitando para a linha do horizonte da cintilante cidade à esquerda delas. O horizonte a oriente começava a iluminar-se. O amanhecer.

Doía-lhe o corpo. Doía-lhe tudo. Não só a carne e os ossos.

Selina afastou o pensamento enquanto observava Gotham City. A luz e as sombras.

Um vento fresco açoitou-lhe o rosto, libertando fios de cabelo enquanto se punha ao lado de Talia antes de esta começar a subir os degraus para o jato privado. Uma assistente de bordo aguardava no cimo das escadas, com uma bandeja com dois copos de champanhe a borbulhar-lhe nas mãos.

— Este avião é seu? — questionou Selina, enquanto Talia pousava uma mão no corrimão e assentava um pé com salto alto no primeiro degrau.

— É.

A escola, então... Selina voltou a olhar para o horizonte da cidade. Para onde, esperava ela, Maggie estivesse a ser levada por entre as ruas até às árvores e ao ar limpo e tranquilo dos subúrbios.

Engoliu em seco, seguindo Talia pelos degraus estreitos do avião. O avião privado.

— É da família Wayne, ou coisa parecida? — Os Waynes faziam muita caridade e uma escola italiana chique para raparigas intratáveis não parecia nada que não encaixasse com eles.

Talia riu baixinho e não se deu ao trabalho de se virar quando chegou ao topo das escadas e pegou numa flute de champanhe da bandeja da assistente, dizendo:

— Não, o nome da minha família é al Ghül.

**NASCIDA NA POBREZA, FORJADA NA LUTA,
A MULHER MAIS FELINA DE GOTHAM CITY VAI ENFRENTAR
DESAFIOS DESCONHECIDOS: A AMIZADE E O AMOR.**



SELINA KYLE É UMA LADRA

Dois anos depois de escapar dos bairros pobres de Gotham City, Selina Kyle regressa como a misteriosa e abastada Holly Vanderhees. Com Batman ocupado numa missão longe da cidade, ela percebe que esta é a oportunidade perfeita para tomar Gotham City.

LUKE FOX É UM HERÓI

Luke quer provar o seu valor como Batwing, mostrar que tem o que é preciso para ajudar as pessoas. O seu foco é uma nova ladra que se juntou a Poison Ivy e a Harley Quinn. Um trio que tem instalado o pânico na cidade. E esta Catwoman é inteligente, o que pode ser a sua ruína.

NEM TODA A GENTE É O QUE PARECE

Selina vive um perigoso jogo do gato e do rato. De noite, diverte-se com o Batwing; de dia, brinca com Luke Fox, o seu vizinho perigosamente bonito. Mas uma ameaça do passado vai deixá-la de pelo eriçado e atrapalhar o seu maior assalto... o assalto ao seu coração.



Copyright © 2018 DC Comics.
BATMAN and all related characters and elements
© & ™ DC Comics, WB SHIELD: ™ & © Warner Bros.
Entertainment Inc. (s18)

TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8917-34-8



9 789898 917348

Literatura Fantástica